

DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – JULHO/2023

As exportações baianas impactadas tanto pela queda de preços como de demanda dos seus produtos no mercado internacional recuaram 43,6% em julho, atingindo US\$ 707,4 milhões. A queda acentuada nos volumes embarcados de derivados de petróleo em 98%, assim como de outros setores importantes como o metalúrgico (-36%), celulose (-11%) e soja (-7,3%) foi a principal responsável pela retração. No total do mês, a redução dos volumes embarcados foi de 31,1%, não compensando, como aconteceu em nível nacional, à queda dos preços.

Os preços em julho atuaram para reforçar o desempenho negativo das vendas externas no mês, com redução na média de 18,2%, no comparativo interanual, principalmente de commodities como petróleo, grãos e minerais. Após baterem recorde no mesmo período do ano passado, após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia, as *commodities* recuaram nos últimos meses, provocando a retração nas vendas externas. A boa safra de grãos prevista, mesmo com a redução nos embarques, é que vem contribuindo para evitar uma queda ainda maior nas exportações.

Ainda assim, no recorte por atividade econômica, houve recuo em julho, nas exportações da agropecuária em 17,2%, embora em menor escala que em outras atividades. Na indústria de transformação houve a mais forte retração nas vendas, puxado pela queda no refino em 63,6%, seguido pela indústria extrativa com queda de 21,6%.

As exportações para China, principal destino dos produtos baianos, foi o único, dentre os principais mercados, a registrar crescimento nas vendas do estado em julho: 1,2%, calculadas em relação ao mesmo mês no ano anterior. Já as vendas totais para a Ásia caíram 55%, influenciadas pela redução significativa nos embarques de derivados de petróleo. Na mesma base de comparação, as vendas

www.sei.ba.gov.br

para a América do Norte tiveram queda de 4,5%, enquanto para a América do Sul (incluindo Mercosul) caíram 9,2% e para a União Europeia recuaram 53,9%.

Tabela 2 - Balança comercial
Bahia
Jan./Julho - 2022/2023

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	8.085.762	5.772.637	-28,61
Importações	6.575.314	5.439.438	-17,27
Saldo	1.510.448	333.199	-77,94
Corrente de comércio	14.661.075	11.212.076	-23,52

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 04/08/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

A economia global continua se recuperando gradualmente dos impactos da pandemia de covid-19 e da guerra no leste europeu, mas ainda tem muitos desafios à frente. Embora a percepção de que uma previsão de desaceleração econômica mais forte nas principais economias do globo perdeu força, ao menos por agora, a persistência da inflação nas principais economias ainda sugere persistência o que por sua vez, amplia o desafio de coordenação entre políticas monetárias e fiscais que ainda permanecem descoordenadas. A esse contexto de incertezas, choques ainda podem ocorrer a depender da evolução da guerra na Ucrânia.

Os inegáveis sinais de progresso no curto prazo, porém, levou o FMI a melhorar sua previsão de crescimento para a economia global neste ano para 3%, um aumento de 0,2 ponto percentual em relação ao estimado em abril. Vários sinais positivos nos últimos meses contribuíram para essa mudança na avaliação do FMI, incluindo a resiliência do mercado de trabalho em economias avançadas como os EUA e a Europa, forte recuperação dos gastos em serviços como turismo no primeiro trimestre, diminuição dos riscos de estabilidade financeira e uma

www.sei.ba.gov.br

diminuição das interrupções na cadeia de suprimentos.

Os preços da energia e dos alimentos caíram acentuadamente dos picos induzidos pela guerra, permitindo que as pressões inflacionárias globais diminuíssem mais rapidamente do que o esperado.

Apesar da revisão positiva, a nova projeção para a economia global segue bem abaixo do crescimento de 3,5% registrado em 2022. “O crescimento continua fraco pelos padrões históricos”, aponta o relatório do FMI. “As forças que impediram o crescimento em 2022 persistem.”

O FMI estima que a inflação global continuará a desacelerar este ano, de 8,7% em 2022 para 6,8% — uma revisão para baixo de 0,2 ponto percentual em relação a abril. Mesmo assim, a inflação segue em níveis elevados, corroendo o poder de compra das famílias. As políticas de aperto monetário dos bancos centrais para combater a inflação elevam os custos de financiamento e pesam sobre a atividade econômica, aponta o Fundo.

A tendência é de um biênio 2023-24 com crescimento moderado, e ainda muito dependente da Ásia – o que é um problema, já que o desempenho da China, locomotiva da região, tem dado constantes sinais de enfraquecimento. Além da atividade do gigante asiático, no segundo trimestre, ter fechado abaixo do esperado, sua composição preocupa. O setor manufatureiro é fortemente afetado pela desaceleração da demanda mundial e, no âmbito doméstico, o setor imobiliário tem registrado baixo desempenho, apesar das amplas medidas de estímulo operadas pelo governo.

Contrastando com a situação dos EUA e de outras economias desenvolvidas ocidentais, onde a inflação decolou após o fim das restrições da pandemia e levou os bancos centrais, incluindo o americano, a adotar uma abordagem firme de elevação dos juros para desaquecer a economia sem desencadear uma recessão, a China depois de levantar as restrições da pandemia de covid-19, em vez de

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

testemunhar um aumento de preços, passou a sofrer uma atípica onda de queda nos preços de uma série de bens, desde commodities, como aço e carvão, até itens essenciais cotidianos e bens de consumo, como vegetais e eletrodomésticos.

A fraca demanda dos consumidores e o aumento das atribuições econômicas da segunda maior economia do mundo jogaram a China em terreno deflacionário pela primeira vez em dois anos, aumentando a pressão para que Pequim atue com mais firmeza e evite um aprofundamento do mau momento econômico.

Com exceção de novembro de 2020, quando a economia do país também estava golpeada pela pandemia, os índices de preços atacadistas e varejistas não ficavam ambos em território deflacionário desde as profundezas da crise financeira mundial, em 2009.

Durante a pandemia, muitas fábricas na China aumentaram a produção para atender ao aumento das encomendas do exterior. Agora, à medida que a demanda do Ocidente diminui, os fabricantes de automóveis, bens de consumo e outros produtos vêm ficando com excesso de estoque. Para encolhê-lo, muitos deles se veem obrigados a reduzir preços.

O maior desafio para as autoridades econômicas chinesas é evitar uma espiral autoalimentada, em que a queda nos preços leva a uma redução na produção, a salários mais baixos e a uma demanda suprimida.

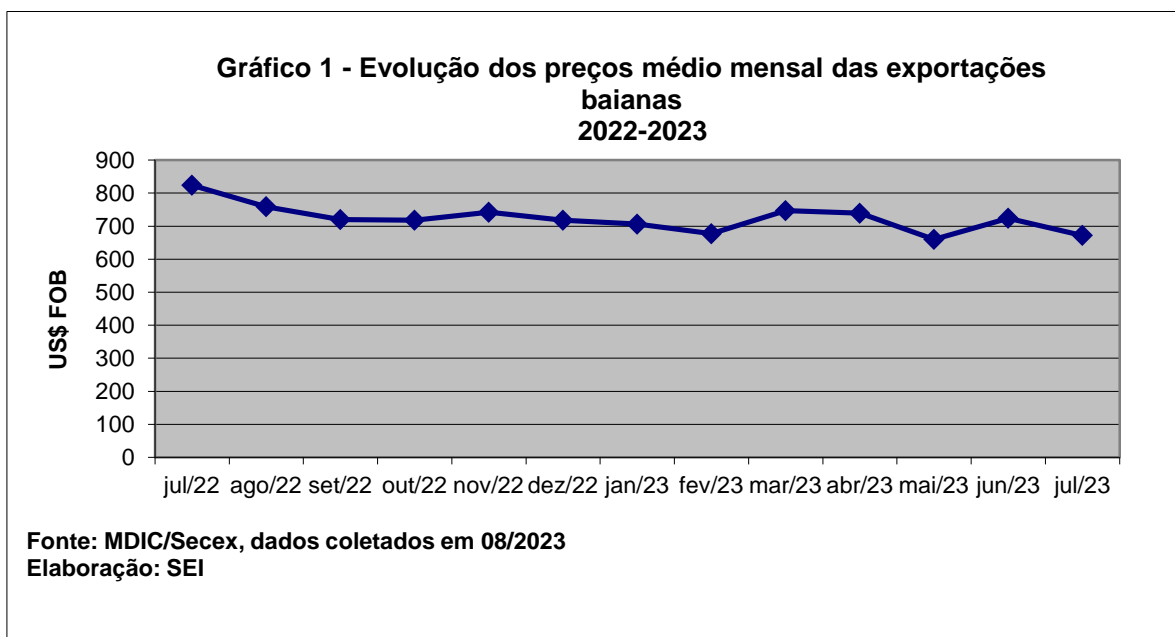
As cotações das commodities estão em queda e explicam boa parte do recuo do comércio chinês. A redução de 12,4% nas vendas externas se deve mais à queda de preço (mais de 10%) do que a do volume (pouco menos de 2%). O mesmo vale para a importação. Os preços do petróleo caíram 12%, enquanto o volume importado cresceu na mesma magnitude, por exemplo. O efeito preço foi preponderante.

O governo, porém, ainda tem vários trunfos. É um dos menos endividados do mundo e a enorme dívida dos governos regionais é devida a bancos estatais e

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

pode ser reciclada, dependendo apenas de uma decisão política.



Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram piora em relação a junho, em consonância com o quadro externo desfavorável. Há também, o arrefecimento de fatores que resultaram em tendência de alta na primeira metade de 2022, como a inflação e a mudança de preços relativos impactados por altas cotações de commodities como o petróleo, cujo preço se elevou com a guerra entre Rússia e Ucrânia

Em julho, os preços médios caíram na média, 7,2% ante o mês imediatamente anterior, permanecendo em retração de 18,4% quando comparados ao mesmo mês do ano anterior.

A perspectiva permanece de cenário desafiador para 2023, com acomodação de preços dos principais produtos da pauta baiana de exportação e comércio global em desaceleração. A queda de preços no comparativo no acumulado até junho chega a 18,3%.

Influenciada principalmente pela queda de 15,6% nos preços médios dos embarques, a rentabilidade dos exportadores brasileiros caiu 9,1% em junho

www.sei.ba.gov.br

contra igual mês do ano passado. A apreciação de 3,9% do real frente ao dólar, em termos nominais, também contribuiu para pressionar a margem para baixo. O custo da produção voltado para a exportação caiu 10,7%, mas não foi suficiente para mitigar os efeitos negativos de preços e de câmbio, segundo dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

O mês de junho fechou com queda de rentabilidade muito mais profunda do que a da média do primeiro semestre, período no qual a margem caiu 1,7% em relação a iguais meses do ano passado. De janeiro a junho houve queda média de 6,6% nos preços de exportação e de 4,8% no custo de produção. O câmbio ficou praticamente estável no período, com valorização de 0,1%.

Os dados mostram que a preocupação com o efeito da elevação de preços dos insumos importados no custo de produção ficou para trás. A perspectiva é que os preços de embarque continuem tirando rentabilidade e o exportador termine este ano com queda de margem em relação ao ano passado. É possível não termos movimentos cambiais que estabeleçam a rentabilidade e a competitividade do exportador até o fim de 2023.

O ajuste nos preços de commodities, sobretudo do petróleo, contamina preços de derivados, de parte do setor químico e também de produtos industriais. Projeção recente do Fundo Monetário Internacional (FMI), mostra que a expectativa é de que os preços das commodities energéticas caiam 20% em 2023 em relação a 2022. A tendência, portanto, não deve mudar, com o fator preço continuando a jogar contra a rentabilidade.

Lembrando que parte do processo de queda de preços de commodities se dá pela elevação das taxas de juros internacionais e pela mudança do contexto financeiro global que isso traz. As taxas de juros vão sendo repassadas com alguma defasagem e o impacto total ainda não foi sentido. O desempenho exportador vai contar menos com o efeito preço do que contou lá atrás.

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

O câmbio também deve continuar sem ajudar a rentabilidade do exportador. Mesmo com a recente desvalorização do real frente ao dólar, a média mensal do câmbio nominal ainda mostra apreciação da moeda nacional este ano.

Com referência às exportações baianas até julho, o setor de soja e derivados permanece na liderança da pauta, readquirida em junho, com vendas de US\$ 1,6 bilhão, mas com queda de 15% no comparativo interanual. Os embarques recuaram 7,7% e os preços médios estão 8% aquém de igual período do ano passado.

O ritmo de produção de alguns segmentos da agroindústria tem melhorado, mas isso ainda não foi capaz de impulsionar o resultado geral do setor. Alguns indicadores revelam isto. Em junho, o Índice de Produção Agroindustrial (PIMAgro), da Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro), recuou 1,2% em relação ao mês anterior, já considerando os ajustes sazonais. Na mesma base de comparação, os segmentos de produtos alimentícios e bebidas de produtos não-alimentícios contraíram-se 0,9% e 1,7%, respectivamente.

Com esse desempenho, a produção agroindustrial está 6% abaixo do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020) e em patamar 1% inferior ao de dezembro do ano passado.

“Claramente, a agroindústria, assim como a indústria de transformação, não vem conseguindo entrar em uma trajetória de crescimento consistente, tendo dificuldades de recuperar, ao menos, as perdas dos últimos anos”, dizem os pesquisadores do FGV Agro.

O FGV Agro projeta, em seu cenário-base, que a agroindústria vai fechar o ano com retração de 0,6%. Mesmo o cenário otimista indica um resultado perto da estagnação: nesse quadro, os pesquisadores calculam que a agroindústria crescerá 0,2%, com a indústria de alimentos e bebidas se expandindo 3,1% e a de

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

itens não-alimentícios, por sua vez, recuando 2,9%.

Tabela 2- Exportações baianas

Principais segmentos

Jan./Julho - 2022/2023

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Soja e Derivados	1.827.108	1.552.967	-15,00	26,90	-7,94
Petróleo e Derivados	2.472.523	1.162.690	-52,98	20,14	-31,66
Papel e Celulose	669.330	709.883	6,06	12,30	5,38
Químicos e Petroquímicos	928.980	656.298	-29,35	11,37	-25,37
Metais Preciosos	303.016	364.555	20,31	6,32	-27,72
Minerais	448.221	231.672	-48,31	4,01	-30,63
Metalúrgicos	350.548	224.614	-35,93	3,89	-25,09
Algodão e Seus Subprodutos	281.409	131.551	-53,25	2,28	-17,28
Cacau e Derivados	120.216	118.362	-1,54	2,05	-0,44
Borracha e Suas Obras	101.048	116.998	15,78	2,03	17,85
Café e Especiarias	155.319	99.971	-35,64	1,73	-8,61
Frutas e Suas Preparações	76.627	93.742	22,34	1,62	10,34
Milho em grão	21.541	89.207	314,12	1,55	-19,21
Calçados e Suas Partes	60.107	54.195	-9,84	0,94	19,64
Sisal e Derivados	50.989	51.425	0,86	0,89	-18,96
Couros e Peles	42.822	19.680	-54,04	0,34	-27,86
Carne e Miudezas de Aves	18.682	18.611	-0,38	0,32	3,40
Fumo e Derivados	14.573	15.265	4,75	0,26	8,31
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	83.896	11.213	-86,63	0,19	31,69
Demais Segmentos	1.885.916	1.602.709	-15,02	27,76	18,14
Total	8.085.762	5.772.637	-28,61	100,00	-18,26

 Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 04/08/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Acompanhando a redução dos preços do petróleo, a maioria dos produtos químicos/petroquímicos, também registraram baixa até julho, acumulando na média como um todo redução de 25,4%. As exportações caíram 29,4% a US\$ 656,3 milhões. O quantum embarcado também teve queda de 5,3%. Além das

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

Av. Luiz Viana Filho, 435 - 4ª Avenida, 2º andar - CAB CEP: 41.754-002 Salvador-BA

Tel.: 55 (71) 3115 4733 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

exportações do setor enfrentar o contexto do agravamento das dificuldades econômicas e cambiais da Argentina, que é, individualmente, o principal mercado de produtos baianos, as importações de produtos químicos, vêm crescendo ano a ano e ganharam mais volume em 2023, levando a produção nacional e vendas internas de químicos de uso industrial ao menor nível em 17 anos. Como consequência, a ociosidade na indústria hoje supera a taxa de 30%.

Excesso de capacidade no mundo, menor ritmo de consumo em grandes economias e oferta de petróleo russo barato à Ásia, na esteira das sanções impostas após a invasão da Ucrânia, agravaram o desequilíbrio na balança comercial e explicam o “surto de importações” atual enfrentado pelo não só pelo estado como pelo país, segundo economistas e representantes do setor.

Há fatores estruturais que afetam a competitividade do setor, que foi estruturado no país para consumir nafta. Mas o custo de produção com base na nafta, hoje, é 3,6 vezes maior do que a base gás. Enquanto no país a nafta representa 74% da matéria-prima usada para petroquímicos, essa fatia no mundo está em 38%.

Há também fatores circunstanciais. Energia e vapor são mais caros no Brasil. Por isso a necessidade para elevar a oferta de gás natural. Se houvesse mais insumo disponível, a preço competitivo, cerca de R\$ 70 bilhões em investimentos, incluindo uma nova central petroquímica e a expansão de um *cracker* já existente, poderiam ser executados pelo setor.

Para o ex-presidente da Braskem e do conselho diretor da Abiquim, Carlos Fadigas, o Brasil deveria acompanhar países que se reposicionaram diante da nova geopolítica e estão trabalhando em políticas que fortaleçam a indústria local, como Estados Unidos e Inglaterra. “Há um ecossistema novo no Brasil que é propício às discussões sobre como fortalecer a indústria petroquímica”, disse, referindo-se à convergência de visão e interesses dentro e fora do governo.

A China permaneceu até julho como principal destino para as exportações do

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

estado com 25,5% de participação, mas acusando queda de 18,9%, sempre em relação ao mesmo período do ano anterior. Houve redução nas vendas para todos os blocos econômicos no período. A exceção, entre os principais mercados continua sendo o aumento das vendas para o Canadá em 23,2% (ouro, minério de níquel, pneus); Alemanha em 6,7% (farelo de soja, magnesita, fumo e pneus) e Japão em 118% (ferro silício, soja, milho e celulose).

IMPORTAÇÃO

As importações em julho totalizaram US\$ 700,8 milhões, com queda de 6,7% no comparativo interanual. No caso das compras externas, foi o fator preço que foi determinante para queda (-30,7%), já que o volume desembarcado registrou aumento de 44,4% no mês.

Isso é explicado pela queda de preços nos setores de combustíveis e fertilizantes, dois setores de peso da pauta de importações baianas. Os dois setores tiveram seus preços reduzidos no mês em 44,2% e 33% respectivamente, na mesma base de comparação.

No total por categorias de uso, houve queda de 12,4% nas compras de produtos intermediários, e de 61,8% nas de bens de consumo. Por sua vez cresceram as compras de combustíveis em 13,4% (puxado pelo aumento do quantum em 103,2%) e de bens de capital em 29%, principalmente células fotovoltaicas e máquinas e aparelhos mecânicos, todos no comparativo interanual.

No acumulado do ano até julho, as exportações baianas alcançaram US\$ 5,77 bilhões, com queda de 28,6% no comparativo interanual. Já as importações foram a US\$ 5,44 bilhões, com uma redução menor: 17,3%. A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, teve recuo de 23,5% no período, totalizando US\$ 11,21 bilhões. Já o saldo comercial do estado no período ficou em US\$ 333,2 milhões, resultado 78% inferior a igual período de 2022.

www.sei.ba.gov.br      /seibahia

www.sei.ba.gov.br

Tabela 3 - Importações baianas por categorias de uso Jan./Julho - 2022/2023

(Valores em US\$ 1000
FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	4.544.272	3.393.127	-25,33	62,38
Combustíveis e Lubrificantes	1.638.310	1.670.833	1,99	30,72
Bens de Capital (BK)	269.353	290.793	7,96	5,35
Bens de Consumo (BC)	109.914	84.028	-23,55	1,54
Bens não especificados anteriormente	13.464	656	-95,13	0,01
Total	6.575.314	5.439.438	-17,27	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 04/08/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.